

Íris

Verlaine Freitas

Uma cordilheira pontua a circunvolução da distância,
ecoa a sobriedade do mar
e seus anéis evoluem como grito
de um espaço emudecido frio.

Quando se estende a névoa cozendo matizes,
sua órbita é um afago, um ósculo,
das cores úmidas da terra
emergem franjas de um condimento
para o fio apenso ao sabor de todos os
tons adormecidos nos grãos.

Denso é o imo do ser, plano
na escuridão reflexa, soturna,
escala indivisível onde o cume
se compraz na cesura celeste,
e todas as manhãs se rejubilam
no frescor dos bilhões de anos
que se embebem nos orvalhos.

Um frêmito que escoa nas vértebras
do solo
perfaz a quietude circunstancial
do silêncio:

uma reverência pétrea,
mácula impingida ao devir
da multiplicidade dos entes;

de todas as partículas e órgãos
da planície e sua insipidez,
como apanágio do fundo oco
do horizonte desenhado
na silhueta inefável do vento,
das notícias alhures vêm correr
nas frestas das folhas saberes,
dores e nódulos cópias
dos indefinidos
ciclos do presente;

todo o verde em sua profundidade
coagula momentâneo a presunção da natureza
de ser eterna,
e, na espessura íntima da aurora,
a substância do mundo decantou-se
na resiliência de um silvo,
a epiderme eólia da vida.